

Gigante adormecido

Da Redação

De quarta-feira da semana passada até ontem, o Cine Brasília recebeu cerca de 1,5 mil pessoas por noite. A festa durou pouco. Hoje, fim de festival, o cinema volta à rotina de receber não mais que uma dezena de pessoas por sessão. "O público de Brasília é muito *oba-oba*", garante o bancário Moisés Berndt, 42 anos.

Prova disso foi a sessão do filme brasileiro *Soluços e Soluções*, de Edu Felistoque e Nereu Cerdeira, há poucas semanas. Fora da programação do festival, o filme foi testemunhado por Moisés e mais meia dúzia de cinéfilos. "Às vezes, até passa coisa interessante, filmes fora do circuito comercial. Ainda assim, deixa a desejar", alfineta Moisés.

O estudante Rodrigo Parente, 23 anos, não compartilha da opinião do bancário, porque simplesmente não é freqüentador do Cine Brasília. Durante o ano, reserva apenas uma semana para aparecer na 106/107 Sul e, mesmo assim, o interesse não é pela sétima arte. "Eu venho para o Festival de galera", conta.

Para ele, o principal problema é a falta de divulgação. "A maioria das pessoas não vem, porque não sabe o que está passando. A divulgação é restrita a notinhas do jornal." Acontece que essa divulgação não é diferente da feita pelos cinemas do Pier 21 e do Park Shopping, por exemplo. E essas salas têm sempre filas dando voltas nas bilheterias.

A explicação talvez esteja na teoria da bióloga Marge Tenório, 38 anos: "A gente fica no cotidiano de cinema de shopping e acaba esquecendo do Cine Brasília. Aqui não tem nada para fazer além do cinema". Há dois anos em Brasília, a recifense pisa pela primeira vez na sede do festival. Gostou do evento e do local: "Deveria haver mais atrações. É um espaço privilegiado, mas mal aproveitado".

Até existem outras atrações. Elas, por sinal, são as responsáveis pelas aglomerações de público longe da badalação do festival. As mostras de cinema europeu, homenagens a cineastas famosos e reapresentações de clássicos são maneiras encontradas pela administração do cinema para ganhar a platéia. Na próxima sexta começa o Mix Brasil.

Márcia Bianna, 35 anos, é atraída por essas eventuais atividades. "Venho ao Cine Brasília com freqüência. Sempre que tem eventos, mostras de cinema..." Apesar disso, a professora de português confessa estar visitando o Cine Brasília pela primeira vez neste ano. Para Márcia, a escassez de público não é culpa da administração do local. "Falta interesse do governo em divulgar um espaço tradicional da cidade", reclama.